

5 de maio de 2021

DIA MUNDIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

“Uma língua que diariamente se vê enobrecida pela pujança da nossa produção literária e recriada pelos seus artistas, cineastas, atores e intérpretes.”



Criado pela Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa a 20 de julho de 2009, como Dia da Língua Portuguesa e da Cultura, e instituído pela UNESCO a 25 de novembro de 2019 como Dia Mundial, celebra-se hoje, 5 de maio, o segundo Dia Mundial da Língua Portuguesa. A língua oficial de nove países — aos quais acresce a Região Administrativa Especial de Macau — que se estima seja falada por mais de 260 milhões de pessoas e que é, na verdade, o idioma mais utilizado no hemisfério sul.

Este ano e sob a égide do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua (IC), as comemorações decorrerão em mais de 40 países, nos quais serão organizadas cerca de 150 atividades, com uma agenda que inclui conferências, colóquios, concertos, concursos literários e de poesia, para além de iniciativas de índole académica, através das quais se pretendem potenciar as dimensões geográfica, da investigação, da ligação a outras artes e de mobilização das populações locais, pilares essenciais para a afirmação da língua portuguesa no mundo.

“Em novembro de 2019, a Organização das Nações Unidas para a Ciência e Cultura oficializou a celebração do dia 5 de maio como Dia Mundial da Língua Portuguesa, na sede da UNESCO, em Paris...”

Atividades decorrentes da ação primordial do IC no apoio a uma grande variedade de iniciativas e projetos, abrangendo não apenas intervenções nos campos tradicionais da Educação, mas estendendo-se a áreas tão inovadoras como as da telemedicina, a investigação ambiental e as alterações climáticas. Sem esquecer o papel central do Instituto na dinamização de programas direcionados para a aprendizagem e o ensino do português, como para a difusão e promoção da cultura portuguesa no estrangeiro, designadamente através da Biblioteca Digital Camões, uma base de dados de documentos eletrónicos, destinada a promover o acesso a obras integrais, para leitura gratuita, sem necessidade de registos ou subscrição.

Fruto da diáspora portuguesa e da forma como esta desde cedo soube representar a essência da globalização, o português que todos utilizamos foi enriquecido através dos fluxos e com os contributos de falantes de outras variedades da língua, os quais, residindo em Portugal, vão dando diversidade à variante europeia da língua portuguesa. Uma língua que diariamente se vê enobrecida pela pujança da nossa produção literária e recriada pelos seus artistas, cineastas, atores e intérpretes.

Para este movimento de divulgação da cultura e da língua portuguesa contribui igualmente a DGAE, responsável pela dinamização do Ensino da Língua Portuguesa no Estrangeiro através das Escolas Portuguesas no Estrangeiro (EPE). Localizadas em sete países e em três continentes, as EPE são frequentadas por mais de 10 mil alunos, acompanhados por cerca de 800 professores, parte deles nacionais dos países onde as nossas escolas estão implantadas. Escolas que são não apenas agentes de cooperação bilateral, mas exemplos de práticas promotoras do sucesso educativo. Aliás, demonstrativo da valia do seu modelo é o facto de, nos países onde estão sediadas, ter vindo a aumentar o número de estabelecimentos de ensino de gestão privada que procuram lecionar o currículo português.

Em suma, as EPE constituem um fator de afirmação do nosso país, um fator de desenvolvimento económico e, sobretudo, um fator decisivo na afirmação da língua portuguesa, num mundo marcado pelo aprofundamento das relações interculturais.

Mas estes sinais de vitalidade não nos devem fazer esquecer os perigos que, a exemplo de outras, a língua portuguesa enfrenta, vítima de um processo de normalização e de padronização da linguagem falada e escrita, que cria obstáculos à exploração de outros quadros de referência, que molda o pensamento e que se revela alheio da função de preservação identitária que a língua materna permite desenvolver e reforçar. Na verdade, habituámo-nos a conviver com “falsos amigos” criadores de uma novíngua orwelliana, que nos faz esquecer o verdadeiro sentido de palavras como *resilience*, *tribute*, *intelligence*, *evidence*, *implement*, *ingenuity*, *memories*, *audience*, *deception*, *adiction* ou *fabric*. Num universo lexical em que os apoios passaram a meros “suportes”, cessou o estudo, acompanhamento, medida, avaliação ou vigilância: “monitoriza-se...”. São gerações inteiras formatadas por uma nova língua, que reproduzem e tornam moeda corrente.

Um problema que se estende ao mundo académico, condicionado por sistemas de avaliação curricular, que pontuam a internacionalização, ou seja, a publicação em revistas detidas pelos grandes conglomerados editoriais. Por isso, nada como terminar com as palavras de um dos pensadores que melhor justiça prestou à língua portuguesa: «A nossa identidade é-nos dada pela língua. O resto é identidade humana, normal, genérica. A identidade no sentido em que a tomamos, como qualquer coisa de particular, uma voz que é só nossa, que escutamos, é dada pela língua. Em segunda instância pela escrita, pela memória escrita. Uma cultura é uma memória, qualquer coisa que se está sempre a reciclar dentro do mesmo.» (Eduardo Lourenço, Diário de Notícias, 2003).

A Diretora-Geral da DGAE
Susana Castanheira Lopes



Entrevista



Maria da Conceição de Deus Lima
Escritora santomense

Qual foi o motivo pelo qual começou a escrever?

Desde muito cedo, senti que tinha coisas para dizer, para partilhar. Coisas que resultavam de uma certa forma de olhar, de uma certa forma de sentir, de perceber, de pensar e que apelavam ao registo escrito. O gosto pela escrita teve como húmus o gosto pela leitura, muito cultivado em nossa casa. O meu pai era professor, poeta e músico e foi com ele que comecei por apreender o sentido encantatório da palavra, através da rima e do ritmo nas suas letras musicais e nos seus poemas. Escrever redações era o que eu mais gostava de fazer na escola desde tenra idade. Dois poemas meus foram incluídos na *Antologia Poética Juvenil de São Tomé e Príncipe* quando tinha 13 anos. Foi organizada pelo nosso professor português António Pinto Rodrigues, com uma breve introdução de José Palla e Carmo que fez um carinhoso elogio ao que descreveu como precocidade dos dois poemas. É-me difícil identificar, singularizar um motivo que me tenha levado a começar a escrever. Não sei se a veia artística se herda, mas do que estou certa é de uma herança fruto de vivências e de relações inspiradoras, no centro das quais estive o ambiente familiar em nossa casa, serões em que se contavam fábulas e contos tradicionais, professoras e professores instigadores da imaginação e da criatividade dos seus alunos, muita leitura e, ao longo do meu processo de crescimento, a maternal orientação da matriarca das Letras e da Nação, Alda Espírito Santo, a mim e à minha geração e o convívio com algumas figuras marcantes das literaturas de língua portuguesa que me incentivaram e estimularam.

Quando era criança, quem era a escritora que mais admirava?

Sophia. *A Menina do Mar*, o iniciático, inesquecível livro, cujo começo ficou memorizado para sempre. Encantamento. Deslumbramento. Fantasia de olhos abertos diante da transfiguração do mar da minha ilha numa casa subterrânea. Depois, *O Cavaleiro da Dinamarca*. A pergunta é rigorosa e exclui escritores. Mas a criança que fui ficaria triste se não referisse Antoine de Saint-Exupéry. *O Príncipezinho*. A argúcia dos seus juízos ao longo do périplo interplanetário foi marcante. *Romance da Raposa*, de Aquilino Ribeiro, fez-me rir muito, muito, e marcou o avanço da minha destreza na manipulação do dicionário. E ainda dentro do ciclo da infância, já um pouco mais avançada, *A Flecha Negra*, de Robert Louis Stevenson, um enredo completamente diferente de tudo o que havia lido até então.

Onde procura inspiração para escrever os seus poemas?

Na memória, nas vivências e memórias das vivências, desconstruídas, reconstruídas, tecidas, destecidas e de novo tecidas, metamorfoseadas. Nós somos frutos da nossa memória e a memória é uma poderosa fonte criativa se a gravura do factual não amordaçar e subjugar a subjectividade emocional. As vozes que habitavam a casa grande de São João da Vargem, o perfil do meu pai, a pressa de minha mãe, a chegada das avós e das velhas tias e primas, anunciada pelos sons do crioulo forro, as nossas excursões para lá do enorme quintal. E os pássaros, as borboletas por nós nomeadas e todas as plantas medicinais e de cheiro, fronteira entre a casa e as árvores de fruto.

Na potência totémica, mítica, resistente, do micondó. Nas indagações, perplexidades e aspirações do presente. Nas paisagens, os lugares amados, reconfigurados, transfigurados. No meu Macondo insular, esplendoroso e pungente e, partindo daí, a demanda de outros territórios da experiência e da imaginação, a travessia de fronteiras, a transcontinentalidade. Uma incidência do olhar sobre a África e a sua diáspora nas veias da ilha e do arquipélago. Residente, peregrina e nómada. A esperança. Apesar das mágoas e desilusões, apesar da demora no âmago dos caminhos inaugurados.

Um diálogo entre o tempo do poema e certos lugares da história, sobretudo os trechos soterrados, sonogados, com o seu cortejo de fantasmas injustiçados, derrubados, assassinados, exilados, em vida, de morada e da palavra.

A procura da casa, o projeto de uma casa que começa por ser uterina, uma casa que é uma residência íntima, uma casa que seja a um tempo concreta e imaginada e benigna para os seus habitantes, também uma casa onde nenhum homem ou mulher seja estrangeiro ou estrangeira. A casa território do verbo reiniciador. A utopia na véspera do poema, a teimosia do sonho reiterativo nos interstícios dos versos.

**“Antes de tudo, ler, ler, ler.
Ler muito.
Conhecer a língua é a principal
ferramenta do ofício literário.”**

Como leitora, qual é a obra que teve mais impacto na sua vida literária?

Em diferentes etapas, diferentes obras de diferentes autores, de diferentes géneros literários, de diferentes países e continentes, foram tendo, de diferentes modos, um impacto na minha vida literária ou na sua construção. *Coração em África*, de Francisco José Tenreiro, *Livro Sexto*, de Sophia de Mello Breyner Andresen e *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, são três referências elementares no universo da língua portuguesa.

Há algum poema que a define?

Alguns críticos consideram que a minha poesia é atravessada por visíveis traços autobiográficos.

Qual foi a obra que mais gostou de escrever?

Acho que gostei de escrever todas. Vivi intensamente o processo de gestação, o parto de cada uma. O primeiro livro é o primeiro livro e foi *O Útero da Casa*. O que aconteceu foi que os destinos e percursos foram diferentes e *A Dolorosa Raiz do Micondó*, pelas traduções que já teve e está em vias de ter, pela receptividade que colheu e continua a colher junto da crítica, por ter vencido o Programa Nacional de Bibliotecas Escolares, PNBE, do Brasil, entre mais de 400 títulos, com uma tiragem de 35.500 exemplares, se destacou, tornando-se uma espécie de distintivo no conjunto da minha obra poética. Em contrapartida, *Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico*, em edição de autora, com uma

tiragem mínima (os outros três foram editados pela Editorial Caminho), permaneceu, em grande medida por vontade minha, um livro recôndito, quase misterioso. Quando a Editora Delta, de Estugarda, decidiu, há alguns meses, publicá-lo em edição bilingue juntamente com *O País de Akendenguê*, fiquei espantada. Não sabia que tinham conhecimento da existência do livro.

Ambiciona ganhar um prémio literário?

Concorri duas vezes a um prémio literário. A primeira foi ao Prémio Sonangol de Literatura com *O País de Akendenguê*, submetido com um título diferente, e a segunda foi ao Prémio Nacional de Literatura Francisco José Tenreiro. A minha candidatura foi excluída por razões relacionadas com requisitos do regulamento. Ganhar um prémio literário costuma significar uma certa forma de reconhecimento e, se for um prémio reputado, representa um bom quinhão para o prestígio do autor ou da autora. Mas penso que a instância máxima no julgamento da qualidade de um escritor ou escritora se chama tempo.

Para si, as poetisas africanas têm recebido o devido tratamento?

Nos países de língua portuguesa, a belíssima e sensível voz da angolana Paula Tavares, a moçambicana Sónia Sultuane, a cabo-verdiana Vera Duarte, a são-tomense Olinda Beja, a guineense Maria Odete da Costa Semedo, são nomes que, em graus diferentes, têm visibilidade e reconhecimento dentro e fora dos seus países. Infelizmente, a rarefação da circulação do livro e das dinâmicas dos panoramas literários entre os PALOP não me aconselham a um juízo muito mais categórico. Contudo, creio que uma certa perifericidade se reflete no acesso a maiores circuitos editoriais e centros de divulgação, condicionando uma maior projeção de poetisas e de poetas, especialmente dos que ainda trilham os caminhos da afirmação.

Pretende continuar a escrever poesia?

Projeto continuar a publicar poesia e não só.

Se pudesse dar um conselho aos jovens que sonham ser escritores, qual seria?

Antes de tudo, ler, ler, ler. Ler muito. Conhecer a língua, a principal ferramenta do ofício literário. Ler muitas obras com qualidade, de diferentes géneros, sem fronteiras. O resto brotará dos seus universos individuais, da sua imaginação, das suas vivências, da sua capacidade de serem artífices e habitantes da palavra criativa e criadora.

Em Português

Palavras têm muito mais que se lhe diga.
A sua banalidade está presente no que nos une e separa.
No que destrói e cria.
Cada letra é como uma realidade que se interliga com outras.
O português tem muita história.
É um ADN único e é fruto anteriores convergências.
É o passado transportado ao futuro via cada instante que é o presente.
Não se define por dinheiro ou saúde, por afetos ou posses.
É honra aos que travaram as suas lutas individuais e muitas conjuntas.
É hora de olharmos para o facto de sermos o que somos ser fruto de razões.
Razões que talvez nos ultrapassem, mas que fundamentam o hoje.
A poesia é a matemática do que sabemos para além do argumentável.
O português é um legado vivo e que está a evoluir.
Bebendo outras influências, mudando, nunca deixará de ser identidade.
Nunca deixará de ser quinas, símbolo de Luz.
O aparente passivo que dá cartas no meio da vulgar austeridade.
Comandamos a palavra, hoje, dando voz a forças incríveis.
Metamorfoses de todos nós, somos um país eternamente vivo.

João Tavares (docente)
EB 2/3 Hermenegildo Capelo, Palmela



Angela Andrade (docente)
EB 2/3 Prof.ª Diamantina Negrão, Albufeira

**“Quando uma
mesma
língua se torna
veículo de
várias culturas.”**

Ana Paula Tavares
Historiadora e poetisa angolana

Português, língua viva

Digo que a minha língua é diversa, dinâmica e igualitária.

Como irmãs e irmãos que se vestem com as cores da sua preferência, as variedades da língua portuguesa riem-se das suas diferenças e amam-se por causa delas. Os escritores e as escritoras brincam com a língua portuguesa: inventam novas palavras, novos sentidos, novas grafias, novos sonhos. E assim, ela vai crescendo, correndo o mundo, mudando para permanecer no coração de quem a fala.

Há palavras, há versos, há tons e modos de falar que chegam para todas as pessoas, as mais e as menos jovens, as mais e as menos ricas, as urbanas e as rurais, as do norte e as do sul, as da América e as da África, as mulheres, os homens e as que não se conformam ao género.

A língua portuguesa é uma festa de vogais, ditongos, consoantes mudas e sonoras, palavras que cantam, dançam, abraçam e dizem liberdade.

Sara Marina Barbosa (docente)
AE Monte da Lua, Sintra



Marlene Carvalho (docente)
AE Laura Ayres, Quarteira





As variedades da nossa língua materna

Comemoramos no dia 5 de maio o Dia Mundial da Língua Portuguesa.

Assinalar esta data é lembrar a nossa lusofonia, sempre em construção. Se é certo que nesta união de vários séculos celebramos uma base linguística comum, reveladora da nossa bonita cumplicidade, é sobretudo a variedade linguística que merece a nossa celebração. É precisamente essa variedade que tem contribuído para revigorar a língua portuguesa. Ao longo dos séculos, o espaço lusófono tem-se caracterizado pela reciprocidade. Os diferentes povos, atentos à realidade linguística e cultural de cada um, e deslumbrados por ela, têm vindo, progressivamente, a integrá-la no seu vocabulário, nos seus hábitos e nas suas ideias.

A arte, e em particular a literatura, tem sido responsável por essa permuta constante. Machado de Assis, Eça de Queirós, Mia Couto, Ondjaki... todos exercem sobre nós igual fascínio, pela sua sublime capacidade de reinventar a língua.

Tal como os escritores, todos nós somos portadores de um passado comum e de uma alma nova que irradia por todos os continentes, semeando o futuro.

Por essa razão, no dia 5 de maio, celebramos sobretudo o orgulho, a felicidade e a certeza de continuarmos a saber repartir tão grande riqueza pelo mundo inteiro!

Regina Rico (docente)
AE Alfredo da Silva, Barreiro



“É essa riqueza, que atravessa firmemente todas estas civilizações da língua portuguesa, que me emociona...”

Carlos Lopes
Sociólogo e escritor guineense

Voz e expressão da minha língua

Dar voz, ter razão e dizê-lo.

Serve o idioma, serve a língua materna que, melhor que nenhuma outra, veicula o que nos vai na alma.

São temidas, ousadas e vociferantes as vozes do passado que nos deixaram um legado com tal trama policromática.

De raízes múltiplas, longínquas no tempo e no espaço, exhibe, com vaidade, essas riquezas que perduram.

Orgulho dos escritores maiores, quebra cabeças para os tradutores, ...não dá tréguas aos linguistas.

De exemplar riqueza etimológica, sonora e semântica levanta dúvidas para todos e alegria e alimenta o quotidiano de quem a aprecia e jurou defendê-la.

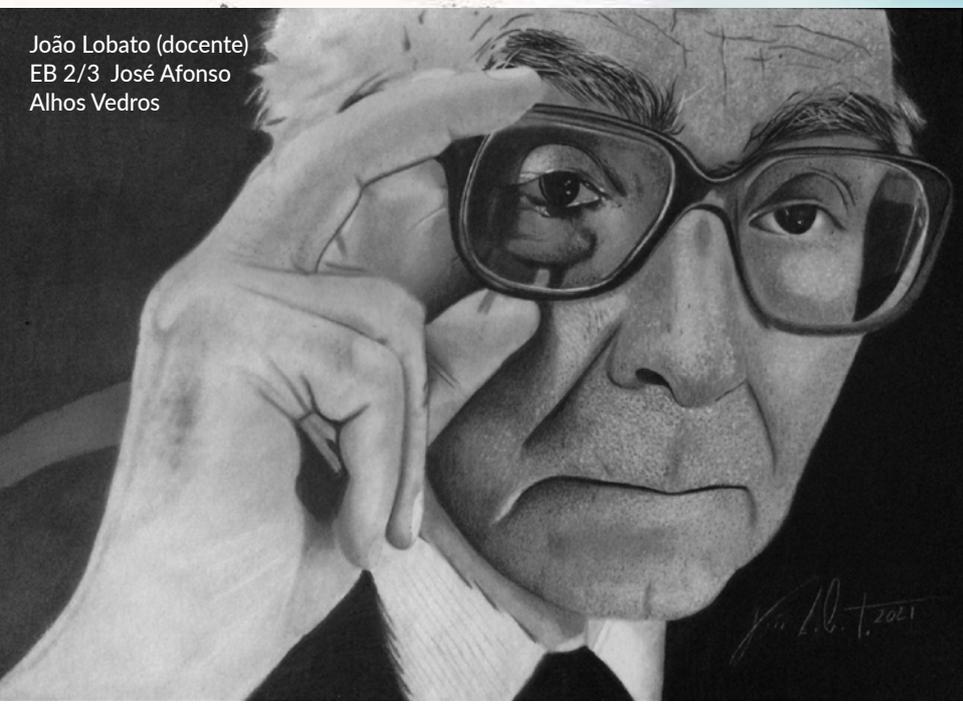
Falada e escrita em muitos cantos do mundo, povoa o imaginário e elogia a sua herança.

Contra ventos e marés, procura o seu lugar, a sua identidade e sonha amiúde com novos horizontes.

A língua portuguesa é e será sempre um estado de alma, uma forma única de ver o mundo, de ver o outro e de ligar povos, nações e culturas. É isto a lusofonia e eu vou sempre querê-la bem perto de mim.

Dulce Gomes (docente)
ES Du Bocage, Setúbal

João Lobato (docente)
EB 2/3 José Afonso
Alhos Vedros



“Não há uma Língua Portuguesa, há línguas em Português.”

José Saramago
Escritor português

“A nossa língua comum
foi construída por laços
antigos, tão antigos
que por vezes lhes
perdemos o rasto.”

Mia Couto
Escritor moçambicano

Da língua portuguesa

Meu bem, desidério do pensamento, amálgama de todos os sentidos.

Pura, maleável, líquida personagem
No teatro da vida.

Saboreio cada palavra, experimento cada som nesta sinfonia,
como se iguaria se pudesse ouvir.

Meu bem, língua mátria, amada intérprete da emoção subtil.

Arquétipo sólido, ponte de passagem:

De Oriente a Ocidente,
Inauguraste os mares...

Miscigenaste - eterna, orgânica, irreversível -
a Humanidade.

Ó meu bem, língua portuguesa, no palco da diáspora, no imo mais profundo da alma, libertaste todas as sílabas, deste corpo ao espírito, razão à pele.

Laço indisfarçável de amor, ó meu bem, meu mal, nas veias,

a Portugalidade maior !

Ex corde meo.

Júlia Rosa-Batista (docente)
ENA D. João II, Setúbal

Miguel Sobral (docente)
EB 2/3 do Caniçal,
Madeira



Aprender a aprender Português

Sendo as línguas instrumentos de comunicação, compete à escola dotar os alunos de competências que lhes permitam enfrentar o mercado de trabalho. Este pressuposto aplica-se também à língua materna, dada a importância que o Português vem assumindo a nível internacional.

Um bom aluno de Português tem melhor aproveitamento nas outras disciplinas, melhor interação com os outros e maior sucesso profissional. Os erros linguísticos levam à exclusão social, porque o falante com mais escolaridade cai no ridículo, quando escreve ou fala mal. Grande é a responsabilidade do professor de Português, disciplina que desenvolve várias práticas (leitura, escrita, gramática, vocabulário, ortografia).

A aprendizagem é facilitada pela afetividade e pela criatividade. Os alunos precisam de estudar, mas aprendem, se gostarem e perceberem a funcionalidade da aprendizagem, sem receio da avaliação.

O portefólio é um meio de verificar o processo de aprendizagem, porque guarda a reescrita de textos, páginas de diários de leitura, documentos em vários suportes.

É preciso aprender a aprender, orientados pelos professores e pela dinâmica das escolas. Há uns anos, na Escola Secundária de Santo André, no Barreiro, fomos surpreendidos pela apresentação de leituras, na plataforma Moodle, de alunos que continuaram a discussão, após o término das aulas, na verdadeira afeção da escola, como espaço de aprendizagem, como deveria ser sempre.

Ana M. Lucas da Silva (docente)
AE Santo André, Barreiro



“Muitas crianças santomenses ouviam o crioulo em casa e iam estudar o português na escola ...”

Alice Goretti Pina
Escritora santomense

A Língua Portuguesa pelos professores



Isabel Martins (docente)
AE Álvaro Velho, Barreiro

Palavras, palavrinhas e palavrões, frases, parágrafos e textos

Uma descoberta suave, gentil, quase cirúrgica, que acordamos em cada um dos seres pequeninos que acolhemos. Vocabulário reduzido, sem pré definições ou conceitos abrangentes, esta língua que os acompanha desde o ventre materno e os fez crescer, vem agora ajustar-se à infância. Percorro por entre palavras e sons a liberdade de vos escutar.

Seis anos, a idade do renascer da palavra à escrita. Uma língua conhecida, mas ao mesmo tempo em construção.

Sinto que há em cada ser, esse poeta, escritor e utilizador da língua portuguesa, a nossa língua, que se manifesta em beleza e contemplação.

Usemo-la, tratemo-la por “tu” na melodia do dia a dia.

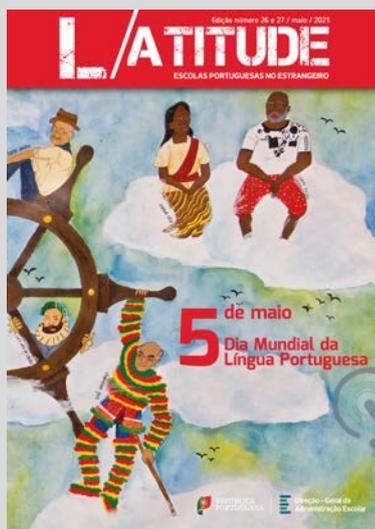
Muito a medo, e contra “quês” e “porquês”, aquilo que transmitimos é assimilado e vai crescendo num gosto pela língua de além-mar.

Trazer à vida a nossa língua, a Língua Portuguesa, é construir mentes e aceder a ela sem permissão.

Ana Cristina Santos (docente)
EB 1 Alberto Valente, Pinhal Novo

Outras iniciativas

Revista L/ATITUDE, número especial dedicado ao Dia Mundial da Língua Portuguesa, versão digital em www.dgae.mec.pt



Vídeo alusivo ao Dia Mundial da Língua Portuguesa, com o contributo das Escolas Portuguesas no Estrangeiro, acessível em www.dgae.mec.pt

Agradecimentos

Os nossos agradecimentos aos docentes dos diferentes níveis de ensino que, com dedicação e apreço pela língua, produziram originais para esta newsletter, contribuindo assim para celebrar o nosso valioso idioma.

Ficha técnica

Edição: Direção-Geral da Administração Escolar (DGAE)

Coordenação: Gabinete de Comunicação

Créditos: Unsplash: Martín Widenka; Dmitry B; Tanushree Rao; Pexels: Artem Beliaikin, Tiago Fernandez; Pixabay: Bruno Varela